



## **Universos da Lata: Reflexões sobre experiências educativas, imaginários e fazeres fotográficos<sup>1</sup>**

Cláudia Mariza Mattos BRANDÃO<sup>2</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, CEFET-RS

### **RESUMO**

O trabalho focaliza a discussão sobre as práticas e as reflexões proporcionadas pela *fotografia da lata* a partir dos resultados de atividades desenvolvidas com estudantes do curso Técnico em Programação Visual, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, CEFET-RS, durante o primeiro semestre de 2008. Com o propósito de *proporcionar novos olhares sobre o mundo*, relacionando fotografia, imaginário e comunicação, a busca é de contribuir para a produção de uma *razão sensível* capaz de considerar os elementos mais diversos das práticas profissionais e sociais, num processo contínuo de redefinir-se e de (re)inventar a sua própria história, despertando o imaginativo, fundamentado na construção de um olhar estético-crítico sobre o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia, Imaginário, Educação.

### **1. Em busca da *luz* nos deslocamentos das *sombras***

Há muito tempo as velas me acompanham. Em alguns momentos compõem cenários cerimoniais, de dor e tristeza; porém, na maioria das vezes, iluminam minhas trilhas domésticas. Elas, harmonizadas pelos aromas dos incensos, me fazem sonhar.

A chama da vela me encanta!

As sombras projetadas, o fantasmagórico, as formas tremulantes que carregam o pensamento para muito longe, me instigam e estimulam reflexões.

A leitura de “A Chama de uma Vela” de Gaston Bachelard (1989) nos possibilita o entendimento de que o universo das sombras é infinitamente mais instigante do que os efeitos das iluminações tecnológicas, frias e racionais, por demais reveladoras. Como ele próprio declara no prólogo da obra: *a chama, dentre os objetos do mundo que nos fazem sonhar, é um dos maiores operadores de imagens... ela nos força a imaginar.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Fotografia: Comunicação e Cultura do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, RS.

As imagens formam e educam através de processos prazerosos. Elas se constituem em construções discursivas que precisam ser lidas, cotejadas e decodificadas, libertas, enfim, do âmbito estético da racionalidade.



Figura 1: **Cláudia Brandão**  
Fotografia digital, 2006.

Há aproximadamente trinta mil anos, os seres humanos começaram a criar imagens e a construírem representações e abstrações do mundo visível. Das primeiras pinturas rupestres até o desenvolvimento da fotografia no século XIX, o olhar ocidental estabeleceu-se a partir de diferentes técnicas e conceitos. Walter Benjamin, em sua “Pequena História da Fotografia” (1994, p.105), destaca as palavras de Tristan Tzara, referindo-se à fotografia:

Quando tudo o que se chamava arte se paralisou, o fotógrafo acendeu sua *lâmpada de mil velas* e gradualmente o papel sensível absorveu o negrume de alguns objetos. Ele tinha descoberto o poder de um relampejar terno e imaculado, mais importante que todas as constelações oferecidas para o prazer dos nossos olhos.

Na atualidade, quase dois séculos depois do sucesso das experiências de Joseph Nicéphore Niépce e de tantos outros pesquisadores da técnica fotográfica, a emergência da cultura da imagem, numa relação direta com o desenvolvimento das novas tecnologias digitais, opera transformações nas diferentes áreas do conhecimento e na formação cultural dos indivíduos.

Afirmar que convivemos numa verdadeira orgia imagética parece ser um ponto passível nas relações humanas. É inegável que a capacidade de produzir e difundir



imagens se transformou num dos eixos centrais do funcionamento das sociedades contemporâneas (NOVAES, 2005). O desenvolvimento tecnológico e a conseqüente intensificação na produção alteraram significativamente a maneira de lidarmos com os objetos e com os acontecimentos, transformando as fronteiras do que chamamos realidade.

Esse fato determina a necessidade de prepararem-se tanto estudantes como docentes para o entendimento dos códigos da nova visualidade que permeia nosso cotidiano, rompendo os limites impostos pela racionalidade instrumental herdada historicamente, e dinamizando os processos educativos que viabilizam uma *leitura visual do mundo*.

Na busca de *percepções sensíveis* encontramos Bachelard (1985), reivindicando o direito ao sonho, recusando a *imaginação cópia*: - Propondo penetrarmos na imaginação criadora, dinâmica, fundadora do devaneio e da compreensão de que a realidade é uma potência do sonho!

O presente trabalho tem o intuito de refletir sobre atividades docentes em desenvolvimento com estudantes do 3º semestre do curso Técnico em Programação Visual, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, CEFET-RS, com o objetivo de estimular a *construção de outros olhares* e conhecimentos sobre a realidade através da prática e da reflexão sobre a *fotografia da lata*, relacionando fotografia, imaginário e comunicação. Tais procedimentos pedagógicos estão atrelados à minha pesquisa de doutorado, compondo sua trajetória em direção à investigação do impacto que o ato de fotografar e o de observar fotografias provocam nos sujeitos em formação; esse tema<sup>3</sup> movimenta idéias tanto para o doutorado em questão, como para as minhas práticas docentes no CEFET-RS, além de integrar outras pesquisas em desenvolvimento.

## **2. Entre a ciência e a arte: a produção de sentido no tempo do fotográfico**

Vivemos a cultura do espetáculo, bombardeados por formas e cores que operam transformações na nossa percepção do mundo, sem que as instituições educativas,

---

<sup>3</sup>É por mim explorado desde 2004 através das pesquisas desenvolvidas no **PhotoGraphein** – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, FURG/CNPq, sob a minha liderança, e está sendo potencializado com a minha participação no **GEPIEM** – Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário, Educação e Memória, sediado no PPGE/FAE/UFPEL, certificado pela Capes, e coordenado pela Profª Drª Lúcia Maria Vaz Peres.



muitas vezes fundamentadas nos cânones tradicionais, consigam articular teoria e prática pedagógica em sintonia com uma realidade oscilante e mutável.

Por ocupar uma parte significativa da experiência cotidiana dos sujeitos/produtores/receptores, a cultura visual é um tema fundamental a ser abordado na Escola. Tal perspectiva, que vai além das experiências de apreciação, de prazer estético ou de consumo que a cultura visual pode proporcionar, suscita a compreensão crítica do papel das *práticas sociais do olhar* e das *representações visuais*, de suas funções e relações de poder às quais se vinculam.

Perceber os detalhes, a sobreposição das mensagens, as composições transitórias e a *comunicabilidade* das inscrições fornecem matéria para uma recepção coletiva simultânea e propõe o aprendizado de *olhar* e *repensar* o mundo ao redor.

A arte sensibiliza a percepção, via expansão dos sentidos. É fundamental na formação humana, especialmente a fotografia por oferecer-nos *novas percepções* sobre o cotidiano, ao mesmo tempo em que permite a retomada de *sensibilidades adormecidas*.

A formação do técnico em Programação Visual privilegia o domínio tecnológico de geração de imagens, sem, muitas vezes, explorar o entendimento dos processos naturais que determinam a geração das mesmas. Nesse sentido acredito ser de suma importância contribuir para a produção de uma *razão sensível* (Maffesoli, 1998) capaz de considerar os elementos mais diversos das práticas profissionais e sociais, num processo contínuo de redefinir-se e de (re)inventar a sua própria história, despertando o imaginativo, fundamentado na construção de um olhar estético-crítico sobre o mundo.

No processo, a *fotografia da lata*<sup>4</sup> é uma prática que, assim como a inspiração criativa da *chama de uma vela*, aciona imaginários e possibilita viagens da memória. Obtidas com aparelhos semelhantes às primitivas câmeras obscuras, representam um retorno às práticas artesanais de geração de imagens fotográficas em preto e branco, sem a intermediação de lentes, contrapondo-se às facilidades das tecnologias digitais que permeiam o cotidiano dos estudantes.

É impossível negarmos as contribuições dos avanços tecnológicos e as facilidades dos novos equipamentos fotográficos, no entanto, a cada dia nos apartamos mais e mais do entendimento do princípio básico da fotografia que remonta à Antigüidade: controlar a luz para registrar o instante fugidio.

---

<sup>4</sup> Também chamadas *pinhole* ou *do buraco da agulha*, pois o *visor* é feito artesanalmente com uma agulha bem fina (GARCIA, 2000, p.33)



Sem utilizar os recursos da física óptica, a *foto da lata* simboliza um retorno às origens da fotografia, num processo que começa com a construção manual da própria câmera e cujos resultados são sempre surpreendentes. Mais do que uma atitude romântica de abandono da tecnologia, o que motivou a opção por essa prática é a atmosfera gerada, um clima que torna as imagens distintas de quaisquer outras. Dentre tantos modos de se ver o mundo, na complexidade do cotidiano, essa é uma maneira mágica de aprisionar o tempo, de questionar a realidade, e de tentar reconstruí-la a partir de *novos olhares*.

O conhecimento sobre a geração da imagem, como um fenômeno físico-químico que a *foto da lata* proporciona, transforma a percepção dos sujeitos.

A prática do olhar contemplativo, da observação sensível, faz com que o tempo se apresente como um instante solitário que, como bem destaca Bachelard (2007), perpetra a solidão do ato criador como o instante fecundo do encontro da consciência atenta enriquecida pelo conhecimento objetivo.

A relação entre a produção de conhecimentos e a construção de significados que essa prática artesanal proporciona estimula o exercício da imaginação problematizando o próprio fenômeno da visão. Mais que tudo permite o reconhecimento de que a dimensão imaginária da cultura está em constante movimento e presente nas inúmeras instâncias da interação social.

O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida que ao libertar-se do real *inventa*, transgredindo as percepções socialmente consagradas e estabelecendo formas criativas de comunicação. Podemos ainda dizer que o conhecimento submerso no imaginário, está impregnado de múltiplas camadas, que, neste caso, pode ser apresentado através da fotografia – do ponto de vista de quem fotografa. E assim, apresenta-se através de imagens que podem “nomear” uma face deste saber, geralmente intocado. Ou ainda, possibilidades de processos reflexivos, filosóficos e artísticos acerca da compreensão de nós mesmos e do mundo.

### **3. Imaginários *da lata*: refletindo sobre fotos, grafias e memórias**

Ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar. Mas existe ainda outro sentido no qual precede as palavras: o ato de ver que estabelece nosso lugar no mundo circundante. Explicamos esse mundo com palavras, mas as palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundado. (BERGER, 1999, p.9).

De todos os órgãos dos sentidos, os olhos são os de mais fácil compreensão científica, pois a sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica; no entanto, existe algo na visão que não pertence à física. É possível afirmar que o ato de ver não é uma coisa natural, mais do que a decodificação dos sinais luminosos que indicam o posicionamento dos objetos, a visão/olhar está perpassada por nossa bagagem cultural e vivencial, transformando numa tarefa primordial para a educação o *ensinar a ver*.

Com esse propósito, o de *proporcionar novos olhares sobre o mundo*, sob um outro prisma, as atividades do projeto iniciaram em março de 2008, problematizando inicialmente o próprio ato de fotografar.

Acostumados com a eficiência e a praticidade das tecnologias digitais, os estudantes construíram suas novas *câmeras* (figura 2). Incrédulos, principalmente pela precariedade do equipamento, iniciaram suas experiências.



Figura 2: Cláudia Brandão  
Fotografia digital, 2008.

Sem nenhuma possibilidade de controlar o processo que se inicia com a exposição do papel fotográfico a luz, os estudantes pouco a pouco se entregaram ludicamente ao exercício.

As primeiras imagens surgidas na bacia do revelador apresentaram ao grupo visões espectrais e especulares que surpreenderam e encantaram (figura 3). Elas provocaram a discussão sobre a *natureza do fotografar*:

*Olhar é essência, isso já diz muito. Bem ressaltado!!!  
E o mais legal é se perguntar por que fotografar com Pinhole? Por que usar esse método quando se tem tantas tecnologias para fotografia hoje em dia. Seria legal todos se perguntarem isso. Eu diria exige muito mais de quem*

*olha, a pessoa se envolve por completo e o dia envolve ela, não basta escolher um detalhe a se fotografar, é preciso conexão do ambiente com o fotógrafo. O que o dia nos oferece e o que a gente quer dele... são todos os detalhes que no fim, dão muito mais prazer pela "função" toda. A importância do sol para capturar uma boa imagem, um ponto que passa despercebido para todo mundo. Esse método faz a gente aproveitar as coisas mais simples que estão à nossa volta e quase que de graça, lógico, se não fosse pelo material, mas isso acaba sendo o de menos se for analisar o que pode gerar. Karina Weber*

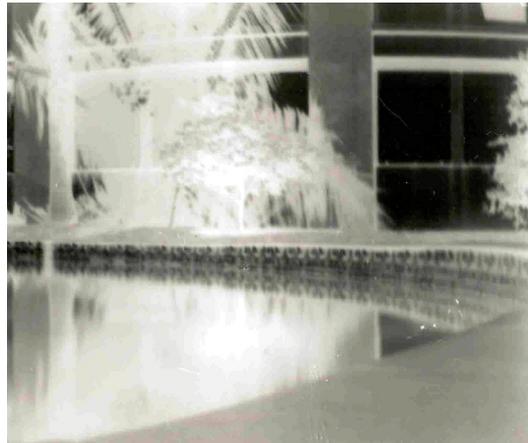


Figura 3: **Karina Weber**  
Fotografia da lata, 2008.

*Fotografar significa ver um novo mundo, um mundo mais rico em detalhes. Muitas vezes as coisas e as pessoas estão distantes de nós e nem reparamos na beleza que elas têm. Uma fotografia, sendo ela antiga ou atual, tem um “sabor” de saudade: saudade do que já passou; saudade das coisas que estão ao nosso redor, que passam despercebidas. As fotografias trazem à tona lembranças que estão perdidas na nossa memória. Eu, particularmente, achei extremamente interessante a prática utilizada em aula pra fotografar, pois colocamos para fora o lado criança que temos dentro de nós, onde lidamos com a curiosidade de saber que imagem sairia daquela “câmera” improvisada e a surpresa ao desvendá-la. Clarissa Ribeiro*



Figura 4: **Clarissa Ribeiro**  
Fotografia da lata, 2008.

O acaso se encarregou das conjunções e a imaginação foi acionada. A verificação do fenômeno da inversão da imagem (*figura 4*) causou espanto e seduziu os mais céticos. Os estudantes vibraram quando identificaram a marca de uma impressão digital sobreposta ao prédio da escola (*figura5*). Em nossos horizontes surgiu a possibilidade de refletirmos sobre as relações com o meio social, no caso, a própria instituição escolar.



Figura 5: **Amanda Corrêa**  
Fotografia da lata, 2008.

O próximo passo foi buscarmos registrar a imagem do outro (*figuras 6 e 7*).



Figura 6: **Mariana Tavares**  
Fotografia da lata, 2008.



Figura 6: **Guilherme Camargo**  
Fotografia da lata, 2008.

Proporcionou-se avaliarmos as relações afetivas e as diferentes formas de experiência, sobretudo as condições diferenciais que envolvem as memórias individuais e coletivas frente ao crescente apagamento provocado pela tecnologia digital.

Todos *remexeram* seus álbuns particulares e a questão fundamental das discussões foi: - Cada imagem *deletada* é uma história suprimida!

Não podemos negar que corremos um grande perigo, o das novas gerações perderem a memória visual. Basta pensarmos na última vez em que mandamos revelar um filme fotográfico, ou quando ficamos arrumando álbuns fotográficos, que não os do orkut, é claro!

As práticas comprovaram que na era das tecnologias digitais corremos o risco de perder a memória entre os milhares de pixels apagados:

*(...) o mundo digital nos trouxe muitas praticidades e ao mesmo tempo uma memória curta. Me conforta o fato de ainda achar divertido algumas fotos que não ficaram tão bem e deixá-las guardadas enquanto o computador tiver memória, a minha anda ficando curta. Fico triste ao lembrar de fotos que foram excluídas, simplesmente pelo fato que algumas pessoas nelas, não fazem mais parte da minha vida hoje. Foram épocas boas e felizes e na minha vida, mas que hoje já não fazem mais parte dela, renovo meus arquivos a cada pessoa que entra ou que sai do meu dia-a-dia, minha história vai ficando pequena e meus feitos esquecidos. Luísa Atháides*

*Antes de comprar a primeira máquina digital minha família tinha aquela tradição de revelar e colocar as fotos em álbuns. O último álbum é do ano 2002. Fiquei pensando...Minhas novas fotos estão ou no computador que já está praticamente lotado de arquivos ou em CDs que se vou procurar uma foto vou perder um bom tempo e fica complicado de mostrar para alguém, principalmente se for mais*



*velho. Claro que tem várias possibilidades como mostrar na TV com o DVD, mas nada tão gostoso como o papel. Já existe até porta-retrato digital que cabem inúmeras fotos na memória que pode falhar. É a época do editar para melhorar e do deletar para não lembrar.* Felipe Szczepaniak

#### **4. Percebendo-se no cotidiano, comunicando-se através das escritas da luz**

Em seu “Ensaio sobre a Fotografia” Susan Sontag (1991) problematiza o fato de que a busca pela fotogenia, pelo melhor ângulo, é uma negação do próprio ato de fotografar. No século XXI as imagens *souvenir* assumiram uma proporção desmedida, banalizando a essência do fotográfico em imagens-clichês desprovidas de subjetividade.

Não podemos conceber uma arqueologia da luz sem a escuridão, e sem elucidar o fato de que a imagem não é apenas alguma coisa da ordem do visual, mas pressupõe igualmente, a imagem de obscuridade ou das trevas. (BAVCAR, 2000, p.11)

O grupo comprovou que a *fotografia da lata*, diferente de um *souvenir*, resulta da aparição única, do acaso que provoca impacto por revelar algo original e espontâneo. Assim como *a chama de uma vela* ela incita ao devaneio nos conduzindo ao mundo dos sonhadores, fundindo imaginação e memória.

Como atestado de presença ela comprova a experiência, no entanto, os resultados surpreendentes – o maior fetiche desses flagrantes – em forma de imagens negativas do mundo são convites à especulação e à fantasia.

Entendemos que as imagens tornam-se simbólicas na medida em que resultam de mediações do conhecimento concreto e experiencial, efetuado na liberdade criadora de um sentido, explicitando que o exercício da imaginação simbólica é polissêmico, criando novos significados para as verdades instituídas, que através dos deslocamentos de perspectivas permitem a implantação de novas práticas (DURAND, 1988).

Todas essas questões estimularam os estudantes a darem continuidade às experiências. Eles perceberam o potencial comunicativo das imagens e decidiram investigar e problematizar o próprio espaço de convivência cotidiana, o CEFET.

Dispostos a *organizar* o caos, *parando* o tempo e preservando instantes, o objetivo passou a ser a *apreensão mágica* do real, descortinando os detalhes de um local que, ao mesmo tempo, lhes é familiar e estranho.

No momento dedicam-se a registrarem os detalhes da escola e, assim como os antigos *pensadores da chama da vela* entregues aos sonhos imaginativos, buscam o entendimento de si mesmos e do mundo ao redor:

*Fotografia – ato de fotografar – foto na lata*

*Congelar o tempo em imagem, uma pausa no espelho, não somente isso, mas fazer um texto com personagens ou não, revelar a expressão, conteúdo, sendo através da sua composição e símbolos que fazem do fotógrafo um criador, apropriador, questionador, artista... A busca do novo sempre nos fascina, mas o retorno as essências onde vamos e voltamos em busca de algo também. Para darmos um grande passo damos dez para traz a procura do conhecimento usando métodos tanto arcaicos para seguirmos e renovarmos nossa poética. Assim como na moda, sempre retorna as origens reformulando visuais. A foto como arte ou a arte na foto... O resultado pode reduzir imensidões ou até aumentar detalhes escondidos, despercebidos e torná-los vivo em um papel.*

*Por um minúsculo buraco passa a imagem, as idéias, o sentimento, nossas vontades e esperanças. É o nosso texto, nossa argumentação sobre aquilo que foi e o melhor de tudo é descobrir que aprendemos muito mais com a volta ao antigo do que um rápido olhar e um clique numa super máquina digital. Nossa percepção nunca mais será a mesma. Felipe Szczepaniak*

Do conjunto de experiências realizadas o que mais marcou foi a natureza plural das imagens, fato que as destaca como meios criativos e eficazes para a identificação, o reconhecimento e a problematização da realidade.

As *imagens da lata*, embora sejam registros visuais, são também *miragens* daquilo que simulam e, como tal, provocam a mudança do olhar.

Substituindo a representação dos objetos pela sua apresentação em forma de luz e sombra, confirmam o que diz Maffesoli (1998, p.21):

Totalmente outro é o caminhar incerto da imaginação. Isso culmina num saber raro; um saber que, ao mesmo tempo, revela e oculta a própria coisa descrita por ele; um saber que encerra, para os espíritos finos, verdades múltiplas sob os arabescos das metáforas; um saber que deixa a cada um o cuidado de desvelar, isto é, de compreender por si mesmo o que convém descobrir; um saber, de certa forma, iniciático.

Entreameadas às práticas, as reflexões apresentaram a *fotografia da lata* como um exercício do *olhar sensível*, um outro modo de ver que viabiliza o reconhecimento da fotografia como um discurso visual que se constrói na relação entre os códigos da linguagem, da tecnologia (ou não!) e a subjetividade de quem fotografa.

Mais que tudo a proposta permitiu o aparecimento e a instauração dos múltiplos pontos de vista sobre um mundo que se constrói e reconstrói a cada instante, através de



uma linguagem que, muito além de um instrumento expressivo, é uma matéria prima que determina formas, nuances e texturas próprias aos saberes por ela gerados.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Ed Bertrand, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A Intuição do Instante**. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.
- BAVCAR, Evgen. **O Ponto Zero da Fotografia**. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro, 2000.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras escolhidas; v.1). 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- NOVAES, Adauto (org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC, 2005.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre Fotografia**. São Paulo: Arbor, 1991.